S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 10 de maio 1913 — ANNO XII — N. 190

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

A "Lanterna" transformada em diario

Com significativa insistencia e de todos os lados do Brasil, perguntam nos os amigos do jornal e os companheiros de luta quando iniciaremos a publicação diaria da *Lanterna*.

Mas será mesmo possivel levar a cabo essa iniciativa? Conseguireis os recursos necessarios para um tão grande empreendimento? Não é uma temeridade fazer essa tentativa? — interpelam-nos os que acompanham com interesse a batalha que este periodico vem ha anos sustentando contra os elementos reacionarios.

Quando se transformará a nossa folha em cotidiano? Dependesse a execução desse plano grandioso somente da nossa vontade, do entusiasmo que nos anima neste batalhar sem treguas e essa pergunta já não teria razão de ser.

Infelizmente, porêm, não basta a força das nossas convicções de homens de luta, a boa vontade e o entusiasmo pela causa que defendemos não são suficientes para que se consiga implantar uma empresa de tanta importancia. A todos esses predicados, valiosos e indispensaveis por certo, preciso é que se juntem os recursos materiais necessarios.

E desse não dispomos nós. Mesmo como modestos proletarios que vivem do proprio trabalho, conseguimos firmar o periodico, depois de tres anos de sacrificios e fadigas, publicando-o com ininterrupta pontualidade, e torna-lo conhecido e procurado por todo este vasto paiz.

O diario, porêm, requer maior soma de esforço e recursos que vão alêm das nossas possibilidades actuais.

A transformação da *Lanterna* em cotidiano depende, pois, como está bem patente, do concurso de todos quantos estão ligados á sua obra.

Se se tratasse de um jornal defensor da clericanalha ou dos exploradores do povo, esses recursos não faltariam, mas a *Lanterna* é um orgão de combate a toda essa crapula social e por isso mesmo poderá contar sómente com o auxilio dos interessados nessa luta.

Não nos sendo possivel conseguir, unicamente com o nosso esforço, tornar um facto essa velha aspiração, recorremos á solidariedade dos nossos amigos, que, bem compreendendo as vantagens desse tentamen, estão, em grande numero, atendendo ao nosso apelo.

Vê-se, pois, que não cabe á nós, unicamente, dizer quando estará na rua o nosso diario, mas sim aos amigos da propaganda, a todos os companheiros de luta.

Chega a causar-nos surpresa a pergunta que nos fazem, se é possivel levar a cabo essa iniciativa. E porque não? Não constituem os anticlericais, os livre-pensadores, o operariado uma verdadeira multidão? E não lêem todos o seu jornal diario?

Pois em vez de assinar um jornal nosso inimigo, de comprar um diario que trabalha contra os nossos interesses, que combate a nossa causa, ajudemos uma folha nossa.

Podemos e devemos ter um diario nosso, que seja o éco dos nossos protestos contra todas as tiranias e todas as explorações.

Não é, portanto, uma temeridade lançarmo-nos nesse empreendimento.

Elemento para manter um cotidiano nosso ha e numeroso; porque, pois, hesitar?

Depois, trata-se já de coisa decedida: a *Lanterna* vai-se transformar em diario.

E' isso indispensavel. Nós assim entendemos e os amigos do jornal se manifestaram comnosco de acôrdo. Nada de indecisões, portanto.

Os amigos que assumiram compromissos para o emprestimo devem imediatamente remeter-nos as suas quantias, pois estamos fazendo a distribuição das acções.

Já encomendamos a maquina de impressão e o material com que vamos reforçar a oficina do jornal e para fazer face aos serios compromissos assumidos contamos com o capital subscrito.

A *Lanterna*, apesar da exiguidade dos seus recursos, vai ser um jornal bem colaborado, já contando com o concurso de um bom numero de escritores e jornalistas de nome firmado no mundo das letras deste paiz. Terá tambem o nosso diario valiosos correspondentes em varios paizes da Europa e da America, assim como por todos os Estados do Brasil.

A *Lanterna* será na imprensa diaria o porta-voz de todos os oprimidos e explorados, a bateria assestada contra as trincheiras das forças clericais, o atalaia dos combatentes da grande causa da emancipação humana.

Nada de hesitações, pois. Apressem-se os retardatarios, que não ha tempo a perder.



Emquanto estiver atado á formidanda carga dos preconceitos religiosos, o homem será sempre um triste escravo sobre a terra.

Apertando o cêrco

Pode-se dizer que o Brazil está hoje todo inteiro em poder das forças reaccionarias.

A actividade desenvolvida, oculta e abertamente, nestes ultimos anos, com a evidente conivencia dos homens que se teem sucedido no governo; o oiro e as honrarias romanas espalhadas fartamente; a pusilanimidade que se nota actualmente da parte daqueles que deviam estar ao nosso lado, encarando o perigo de frente, fortalecendo os nossos nucleos de resistencia, unicos reductos onde se podem abrigar ainda, são provas evidentes do que avançamos.

Parece que diante do facto consumado todos se inclinam vencidos.

Temos recebido cartas com palavras de alento, apoiando-nos na campanha que aqui encetámos em favor da organização, absolutamente necessaria, de todos os elementos avançados em solidas agremiações de combate.

Já fizemos ver que a questão de *numero* não é a essencial: toda importancia está na qualidade dos elementos que devem constituir estes nucleos, no maximo de energia que eles possam vir a imprimir á massa que teem de arrastar ao encontro das forças contrarias.

Porém o sistema que temos seguido até aqui tem sido dos mais inconsequentes. O que temos feito e a negação dos principios mais elementares da logica, a morte certa de tudo que se tentar fazer, se não abandonarmos o modo de combates isolados ou em grupinhos.

Certo, não queremos associações ricas, monetariamente falando: conhecemos todos os perigos que elas oferecem. Porém levar o exagero da nossa ogeriza ao dinheiro ao ponto de nada podermos fazer num caso urgente de defesa, como é o que atravessamos, julgamos ser loucura, é como se nos colocassemos diante do rochedo que rola da montanha atraído pela força de gravidade, e dissessemos: pára!

Não. Este sistema nos levará aos maiores desastres. Sejamos menos ideologos e mais praticos na acção. Não será só com palavras que enfrentaremos o imenso exercito negro que está de posse já de todas as posições vantajosas, isto devido tão sómente ao unico Deus que para eles tem valor: — o Oiro, chave que abre todas as portas, como disse Voltaire.

Homens praticos, eles riem de nós outros, pobres ingenuos que somos!

Ha uma vontade a quebrar, uma consciencia o vencer, um caracter a perder, ahi está o cofre de S. Pedro, sempre recheiado, desafiando resistencias.

Diante de uma tal situação, qual será o dever de cada um de nós?

Insistimos: fortalecer as nossas posições de maneira a podermos acudir aos imprevistos da luta.

Não ha desculpa possivel, sejamos francos, para o estado de depauperamento que se nota em quase todas as nossas associações.

Encaremos, portanto, no seu verdadeiro ponto de vista, corajosa e resolutamente, a questão e talvez possamos ainda romper o cêrco em que estamos metidos.

Não percamos tempo!

Adrecal.

Rio, 4 — 5 — 1913.

MARIA

VIRGEM... ANTES E DEPOIS

Todas as religiões se fundam na mentira como o comprovou já, demasiadamente, a sciencia para que a ninguem reste duvida.

Todas elas teem o mesmo objectivo: conquistar pelo fanatismo as consciencias dos individuos; argamassar-lhes os cerebros entre mil prejuizos, dogmas e preconceitos; governa-los e dirigi-los como se o homem, o rei da criação, fosse um irracional. Os livros *santos*, tanto da religião catolica como da protestante ou evangelica, como ainda os das religiões indus, quer seja o *alcorão* quer sejam os *Vedas*, quer sejam os Evangelhos, estão impregnados de mentiras, tão palpaveis como mal engendradas. Ora uma das mais inacreditaveis á face da sciencia e da razão, é ter Maria concebido por obra e graça do *espirito santo*, ficando, depois do parto, virgem como o era antes da maternidade. Segundo Mateus (vers. 18.° cap. I), *estando já Maria sua Mãe (de Jesus) desposada com José, antes de coabitarem, se achou ter ela concebido por obra e graça do espirito santo.* José ficou muito pezaroso ao ter conhecimento do adulterio e resolveu abandona-la, e te-lo-ia feito se um *anjo* do senhor lhe não participa que tudo aquilo era obra do espirito divino, pois do ventre de sua esposa ia nascer aquele que havia de *salvar o povo dos pecados deles.* E o inditoso noivo concordou e, ainda que existisse já a lei do divorcio do maior Pombal do seculo XX, ele jámais aproveita-la-ia para se ver livre da sua amada. Ora Lewis Walace, "A Conquista do Bizancio", pag. II, encontrou na biblia de *Budhisattua*, á cerca dum nascimento, vida e morte, que se deram mil e vinte e sete anos do nascimento de Cristo, o seguinte: "Maya, forte como a terra, pura de espirito como o lirio aquatico, não se podia comparar a nada. O espirito desceu sobre ela como sobre uma rainha dos céus.

"Foi mãe sem pranto nem dôr. A rainha Maya conheceu que o tempo do nascimento chegara. Era no oitavo dia da quarta lua, estação serena e amorosa. Enquanto observava as regras da mais absoluta pudicicia, Budhisattua nascia do seu flanco direito, sem causar dôr á mãe. Movido por intensa compaixão vinha redimir o mundo."

Da santa religião catolica os masmarros cujo principal chefe foi Simão pescador, mais tarde metamorfoseado em Pedro com a sua cadeira papal em Roma, hoje ocupada pelo veneziano Giuseppe Sarto, os masmarros, — diziamos, — apesar de combaterem todas as outras religiões não lhes tremeu a mão negra e criminosa de reivindicar para o seu Jesus o que já ao seu nascimento existia ha mil e vinte e sete anos e que era pertença de uma religião que logicamente era sua inimiga.

Mas essas *santas* criaturas tudo roubam: heranças, esposas, mães, filhas, e tudo prostituem desde a infeliz Sarah de Matos a *sóror* Coléta e desde a desgraçada Idalina ao gafado corvinaceo Faustino Consoni. A historia das religiões tem as suas paginas, desde a primeira á ultima, ensanguentadas com guerras, assassinios, roubos, morticinios.

"Quem é digno de louvor a não ser Buda?" clamam os cingalezes. "Não", responde o islamita, — "quem é senão Mahomet?" "E' Zaratustra!" exclamam os naturais de Industão. "Acabai com as vossas vaidades" — objectam os cristãos — "quem disse a verdade senão Cristo?". E todos, á porfia, julgam estar senhores da Verdade revelada pelos seus deuses! E todos se dizem irmãos duma religião de paz e amor! E todos cometem os mais horrorosos crimes que a humanidade tem presenciado. E todas as religiões disputam a mesma divisa: "In Hoc Signo Vinces".

(D'*A Revolta*, de Lisboa).

Giordano Bruno.

Pecado confessado...

O bispo de Luxemburgo lançou a excomunhão contra os leitores de jornais liberais. A este proposito, refere o *Volksbote* a seguinte anedota:

"Ha três anos fomos tambem excomungados pelo bispo. Quando o carteiro se apresentou em casa dum aldeão, com o recibo de assinatura, o aldeão recusou pagar. Foi isto num sabado. Nesse dia foi o nosso homem confessar-se para comungar no dia seguinte. Ao padre, que lho perguntou, disse que recusara a assinatura do *Volksbote*. Foi absolvido. Na segunda-feira, chamou o carteiro e pagou a assinatura com esta observação: "Agora já posso receber outra vez o *Volksbote*; estou livre por um ano. Todos os anos faço o mesmo."

Não ha purgante melhor que a confissão...

DEUS

A natureza, dizem os deisistas,
Prova um Deus constructor sobejamente,
Oculto embora das humanas vistas
No Eter do Imponderavel transcendente.

Tudo quer uma causa, ateu demente,
E na materia tu por mais que insistas,
Por mais que faças racionais conquistas,
Sempre terás um X em tua frente.

Eu pergunto: si Deus deve existir,
Porque tudo provém dum creador,
Donde é que Deus então nos há-de vir?

E si a causa do efeito Deus provar,
Deus será quem o fez si dum autor
Este segundo Deus não precisar?

Max dos Vasconcelos.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Como nos anos anteriores, o dia 1°. de maio foi comemorado por esta nossa associação com uma sessão de propaganda em sua séde.

Inteiramente empenhada tambem na grande obra da emancipação integral do homem, na libertação do individuo tanto do jugo economico como da influencia deleteria que sobre ele exerce a crença numa divindade que só a sua imaginação pode ter creado, não podia deixar de tomar parte na grande data que representa o protesto dos proletarios de todo o universo contra as forças da opressão leiga e religiosa.

A's 8 horas, constituida a mesa pelos companheiros Estevam Boni, presidente; M. Macedo e Carlos A. de Lacerda, contador e 1°. secretario da Liga, usou da palavra este ultimo, falando cerca de uma hora sobre a significação do 1°. de maio. Disse que o fanatismo intolerante dos adoradores de um Deus abstracto unido á feroz intransigencia de homens perversos, dos não menos fanaticos adoradores do deus Ouro, foi o principal causador da tragedia espantosa que teve por scenario uma das mais florescentes cidades da Republica Americana, — Chicago.

Apelou para todos afim de que cada um, por meio de uma propaganda tenaz, persuasiva e bem orientada, faça ver aos amigos, aos irmãos de sofrimento o erro em que laboram não vindo para o campo da luta tomar parte na grande obra da emancipação, na conquista da liberdade para todos.

Falou em seguida o companheiro Manoel Coutinho. Discorrendo sobre os diferentes aspectos da questão social, fez ver o perigo que ha no desvirtuamento que certos elementos suspeitos se esforçam por implantar no seio das classes trabalhadoras, desviando-as da rota que os seus martires traçaram, para leva-las ás lutas estereis na politica reformista.

Encerrou-se a sessão ás 10 horas da noite.

Mez mariano

Na séde da Liga, á rua Marechal Floriano n. 118, haverá todas as noites conferencias e leituras alusivas á creação deste culto.

A entrada é franca para as pessoas que queiram assistir.

A comissão executiva da Liga faz um apelo á boa vontade de todos os associados para que vão á sua séde pôr-se em dia com as suas mensalidades, com o que muito terá a ganhar a propaganda por ela sustentada.

A sua séde está na rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Se a natureza nos oferece um nó dificil de desatar, deixemo-lo como está e não empreguemos para o cortar a mão dum Ente que se torna em seguida, para nós, um novo nó mais indissoluvel do que o primeiro.

Diderot.

Da Porta da Europa

A greve geral belga e o seu escopo — A resistência clerical — A preparação do movimento e o travão dos chefes — A massa popular, sempre sedenta de acção; a função refreadora dos militantes — As batalhas anteriores e a crescente amplitude das lutas — O efeito das reformas eleitorais — Possível resultado da luta, eficácia e utilidade do mesmo — A necessária experiência democrática.

LISBOA, 20 DE ABRIL

Começou e desenrola-se a grande greve geral belga para a conquista do sufrágio universal puro e simples para todos os homens em substituição do sistema vigente, segundo qual cada pobre tem um só voto, ao passo que cada burguês tem dois ou três. «A cada homem um voto!» reclamam os sociais-democratas e os liberais da Bélgica. E' uma grande arma económica a serviço duma conquista democrática. Vejamos se o resultado é mais seguro do que quando se põe uma arma democrática, isto é, eleitoral e parlamentar, a serviço duma reivindicação económica proletária...

Foi a teimosia dura e provocadora do clericalismo belga, um dos mais insolentes, estúpidos e opressivos, que tornou inevitável este movimento. Todos os meios, todos os processos, todos os manejos teem sido empregados contra os adversários pelo partido clerical dominante — sobretudo as suas famosas armas da calúnia e da confusão. E agora, durante a luta, na qual tomou parte mesmo os que na eficácia do sufrágio universal não confiam, vê-se bem claramente o partido que os padres podem tirar, para segurança do seu domínio, não só da massa inconsciente e desorganizada dos crentes pobres, mas ainda e principalmente das organizações operárias católicas: os sócios destas não se limitam a prosseguir no trabalho, mas lutam contra a greve e tratam de arrastar consigo os indiferentes e os indecisos.

Mas se os padres, os chefes, os deputados clericais foram cabeçudos, irredutíveis, — por um motivo aliás fácil de compreender — já os chefes da social-democracia estavam mais dispostos à paciência e à boa paz.

Quando, graças a uma campanha infame, a manobras fraudulentas e à defecção dos liberais mais tímidos e moderados, os clericais obtiveram a vitória nas últimas eleições (contra o que se esperava apesar do voto plural dos ricos) a greve irrompeu espontánea e violenta; mas os chefes social-democráticos conseguiram detê-la e adiá-la.

Começou então a preparação do actual movimento, preparação que se prolongava na esperança de bastar a ameaça para levar o govêrno a concessões. Fixou-se por fim a data: 14 de abril.

CAUTÉRIOS

XCV

ROMA. — Um gatuno furtou a quantia de onze mil liras ao sr. Vauchere, viajante estrangeiro, quando êste visitava a basílica de S. Pedro.

(*Dos telegramas*)

O Padre Eterno se amola!
Chama S. Pedro depressa:
— «Você, seu grande pachola,
Faz-me perder a cabeça!

Nem sua casa, seu pulha,
Sabes guardar com juizo,
Tendo ás ordens a patrulha
Dos anjos do Paraizo!

Se vais assim neste trilho,
Descuidoso e tabaréu,
Não ha remédio, meu filho,
Tomo-te as chaves do céu!»

Beato da Silva.

A vida económica da Bélgica começava já a sentir os efeitos da decisão, porque os futuros grevistas deixavam de comprar, faziam economias, acumulavam reservas. Os burgomestres das capitais de provincia intervieram então e obtiveram do govêrno vagas promessas. Estas promessas satisfizeram os chefes socialistas democráticos, que «tiveram a impressão» de que tudo se arranjaria em paz. E a greve já decidida foi contra-ordenada.

O chefe do ministério, porêm, empurrado pelos clericais do parlamento, não tratou de pôr em execução as suas vagas promessas. Apesar disto, apesar da recusa do parlamento de tomar em consideração a reforma eleitoral, os chefes social-democráticos continuaram com a «impressão» de que o govêrno só resistia *pro forma*, para dar satisfação ao seu partido e não parecer ceder a uma imposição, mas em breve entraria num acôrdo.

A massa popular é que não quis prestar-se a mais delongas, hipocrisias, tergiversações, contemporizações, diplomacias... Exigiu a greve, exigiu a acção, saltou por cima dos seus *chefes*, por cima até do mais prestigioso de todos, Vandervelde, que votou até ao fim contra a greve. E o início foi de novo fixado para 14 de abril.

Neste acontecimento, como em quase todos, — a despeito do que dizem os inimigos cegos ou de má fé, que pretendem lançar a mão aos militantes, — os chamados *meneurs* foram impelidos e exedidos pela massa, que, como entre outros observou Gustavo Le Bon, está sempre sequiosa de acção. Ou por egoismo, para conservar posições adquiridas, por amor ao sossêgo próprio e ao prestígio ganho, ou por delicado escrupulo de consciência, por medo ás responsabilidades morais, para evitar os sofrimentos ao povo, o militante, o educador, o organizador, o agitador de ideias refreia e coordena mais do que intriga.

A greve geral belga é, pois, obra e desejo de todos os seus fautores, e não uma tempestade desencadeada por um chefe, por um mágico. Tanto mais digna ela é da vitória!

Não é a primeira grande batalha. Em abril de 1893, uma greve de 200 mil operários com o mesmo fim alcançou um meio triunfo. Em abril de 1902, outra greve de 300 mil trabalhadores, provocada pelos morticínios de Bruxelas e Louvain, foi ferozmente reprimida, após quatro dias de luta. E é tambem na primavera, em abril de 1913, que de novo se insurge o povo trabalhador belga por uma reforma democrática, reunindo o movimento, já nos primeiros dias, mais de 400 mil grevistas.

O resultado corresponderá ao esfôrço?

O sufrágio universal puro e simples não emancipará certamente o salariato, não abolirá o dominio duma classe. Mas as reformas eleitorais deslocam os partidos de govêrno (e é por isso que os governos e os partidos senhores do poder tanto lhes resistem), e assim é possível que, triunfando a greve, os clericais cedam o lugar aos liberais. Os trabalhadores, como tais, como salariados, nada ganharão com tal mudança? O sufrágio universal não lhes dará mais bem-estar económico, nem mesmo mais liberdades políticas efectivas?

Não; mas há, em todo caso, uma coisa que eles ganharão com certeza: uma salutar experiência directa dos meios democráticos.

Livres do torpe domínio clerical e edificados sobre o valor prático do sufrágio, poderão então dedicar-se aos seus interesses próprios e á sua emancipação directa.

Neno Vasco

Ecos do 1.° de maio

Somos forçados a deixar para o numero da proxima semana varias notas e comentarios sobre as manifestações operarias realizadas nesta capital, no Rio e em outras localidades do Brasil no dia 1.° maio.

Tenhamos ainda um pouco de paciencia, até que o diario nos venha tirar destes embaraços.

VASQUEZ GOMEZ

Conforme já noticiámos, este esforçado propagandista das modernas correntes sociologicas, encontra-se no interior do Estado, em excursão de propaganda. De Campinas, onde realizou uma aplaudida conferencia, foi o nosso amigo a Bragança. Nesta cidade foi-lhe dispensado um carinhoso acolhimento. Na séde da Sociedade Democratica Italiana teve lugar a sua conferencia, perante um auditorio bastante numeroso, no dia 1.° de maio.

De Bragança partiu Vasquez Gomez para S. Carlos, onde tambem se fará ouvir. Irá depois a Jaboticabal, Ribeirão Preto e outros cidades

De volta falará novamente em Bragança e Campinas, devendo tambem realizar mais duas conferencias nesta capital.

De S. Paulo seguirá o simpatico conferencista para o Rio.

Mais uma vez recomendamos aos amigos do interior que desejarem aproveitar a ocasião para organizar conferencias, a escreverem imediatamente ao sr. Ricardo Navajas Martinez, á rua do Hipodromo, 17.

MATADORES EM CRISTO

Scenas da carnificina balcánica

Cometeram-se realmente as mais terrificantes abominações que a história universal jamais viu. E foram e são cometidas precisamente pelos que são criados na religião do amor, por aqueles cujos exercitos são acompanhados por mil padres nas batalhas e matanças. Horrores tais que nenhum cerebro diabolico os poderia inventar mais atrozes. Dois notaveis europeus, negociantes em Caralla e cujos nomes não posso indicar para não os expor à vingança dos bandos assassinos, contaram-me o que se segue, escrito palavra por palavra, a ditado deles. E' a

Cronica dum morticínio

como a Europa nunca vira desde a guerra dos trinta anos. Foi referida por duas testemunhas oculares, ainda terrivelmente impressionadas física e moralmente.

Na sexta-feira, 8 de novembro, surgem em Caralla dois comitatchis bulgaros a cavalo; dirigem-se a casa do konak e exigem (estavam longe as forças militares) da autoridade a rendição da cidade. Depois — a coisa faz-se inteiramente moderna — os dois comitatchis vão ao telefone e informam da «vitoria» a sua quadrilha, que ficara em Batem-Tchiflik. E já às 3 da tarde, a quadrilha, a cavalo e na força de 12 homens, entra em Caralla. Provisoriamente, o salteador Tchernevief tomou a «ditadura»; no dia seguinte manda prender e encarcerar todos os turcos que lhe foram denunciados pelos seus concidadãos gregos como «perigosos para o Estado». Entre esses desgraçados, não ha só funcionarios, advogados, gente rica, mas tambem pobres diabos, cujo unico crime consiste em não serem cristãos. Depois, numerosos judeus, muito particularmente mal vistos pelos gregos, pois são amigos dos turcos e tolerantes em religião e em política. A mais conhecida destas vítimas é o sabio Edile Bez, muito conhecido na Europa, um homem que passou alguns anos na Alemanha.

Todas as noites, às 9 horas, tiram-se do calabouço algumas duzias de presos (39 da primeira vez), que são levados através da cidade a Kalamitza, a cerca de 100 metros da praia, onde, nus até à cinta, são amarrados aos três e três e atirados ao leito seco dum rio. E agora começa uma horrivel, uma atroz mortandade. Punhais, iatagans e baionetas traspassam e retalham o pelotão humano, até este formar apenas um montão enorme de carnes ensanguentadas. São ali abandonados os corpos ainda convulsos e, na noite seguinte, juntam-se-lhes algumas duzias mais. Durante dez dias — foi quanto durou esse Terror, — ficam os cadaveres insepultos, empestando a atmosfera. Toda a população vai ao teatro dessa matança e as minhas testemunhas oculares europeias verificam que muitos desgraçados foram retalhados dos pés à cabeça por duzias de cutiladas. «Se ao menos os tivessem fuzilado!», comentam os dois europeus. Mas essa carnificina era tão feroz que a imaginação renuncia a pinta-la. Alem disso, os cadaveres foram até mutilados nas partes sexuais. E tudo isso por serem turcos ou judeus.

O mais notavel era que, poucos dias após o inicio do assassinato contínuo, entraram em Caralla as tropas regulares. Os consules europeus que, na sua miseravel cobardia, tinham rastejado ante os comitatchis, dirigiram-se então aos comandantes militares bulgaros, pedindo-lhes que puzessem termo à mortandade. Antes, porêm, os comitatchis tinham significado aos consules que se mantivessem quietos, pois ninguem tocava num cabelo dos estrangeiros e o resto não era com eles; eis porque o comandante militar bulgaro declarou cinicamente: «Sinto, mas nada posso fazer. A cidade está sujeita, não a nós, mas aos comitatchis.»

Assim, as autoridades militares bulgaras deixaram tranquilamente assassinar e os cobardes consules tambem; e, demais, estavam no porto dois navios de guerra estrangeiros. «Porque não mandais desembarcar as vossas tropas?» perguntaram aos dois comandantes. E, de acôrdo com as instrucções recebidas, eles responderam: «Não temos licença de mandar desembarcar, enquanto não fôr ameaçada a vida dos estrangeiros.»

Mas os consules não tinham meio de informar, acaso pelo telégrafo sem fios, os seus governos sobre essas matanças, pedindo-lhes, em nome da humanidade, permissão para tomar medidas militares? Que gabinete, que Estado ousaria recusar deter o braço dos hediondos carniceiros da historia moderna, embora eles fossem confrades em Cristo?

Após três semanas desse regimen de terror, os senhores bulgaros tiveram enfim a bondade de restabelecer a chamada ordem. Os seus caros compatriotas e correligionarios, os comitatchis, tinham partido, com o seu saque, para novas façanhas heroicas, sob o sinal da cruz, e ficou a milicia grega, tão cordialmente desprezada pelos bulgaros. «Para dar um exemplo», isto é, para lançar poeira nos olhos da Europa, esta milicia fuzilou dois homens e outros quatro foram publicamente chibatados. Mas ninguem despertará agora as centenas de turcos sem defesa imolados em nome da humanidade cristã...

Dr. Hans Barth



Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Liga Anticlerical do Rio.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

EM PORTUGAL

A QUESTÃO CLERICAL

Um diario de Lisboa entrevistou o dr. Eurico Seabra, membro da comissão executiva da lei de separação, obtendo dele as declarações seguintes:

«O problema congreganista em Portugal, estudado com os aliás restritos elementos que os congreganistas e frades nos deixaram, que não rasgaram, não queimaram, não levaram consigo, oferece-nos um particularissimo interesse, porque nos demonstra á saciedade o caminho de aberração que os melhores soldados de Roma, os mais estrenuos paladinos da fé catolica, vão seguindo. Com efeito, o monaquismo e congreganismo, tal qual ele se nos exibe pelo parco espolio das casas religiosas, demonstra de um modo nítido, com exceções, é claro, que a maioria dos seus membros, e sobretudo aqueles que exerciam funções directivas, era tudo menos um mediocre representante de uma fé superior e de um conceito evangelico. Se o catolicismo hoje conta representantes dignos; se o cristianismo hoje encontra serventuarios e ministros que o dignifiquem como doutrina e o imponham como moral, não é, positivamente, no seio das casas religiosas onde tais elementos se acham, mas, por ventura, no seio do clero livre, do clero que, mercê das condições independentes do seu espirito ou meio, se não deixou fanatizar e algemar pela tutela aviltante dos soldados da Santa Sé.

«Depois, falando da campanha clerical contra a lei da separação, o dr. Eurico de Seabra acrescentou:

«Toda a campanha portuguesa contra o separatismo, por mais que o não traduza, por mais que os seus aspectos pareçam não significa-lo, não tem como mobil ou causa eficiente outra diversa daquela que nas minhas palavras lhe enuncio. O clero português, sincero e patriota, não se revoltaria, os proprios bispos, á exceção de dois ou tres, não se revoltariam; a propria Roma não se revoltaria, se acaso atrás do padre, de espreita ao prelado, vigiando a Santa Sé, não estivesse alguem que é hoje em dia o guarda e fiel da igreja catolica. Tenho elementos, possuo provas documentassimas de que só o jesuitismo banido, só a companhia anatematizada e conspurcada maquinaram perante o infalibismo do sucessor de Pedro os dizeres inflamados da sua encíclica de excomunhão.

E, finalmente, sobre as cultuais no Brazil e na Alemanha, fez as seguintes declarações, que merecem ser devidamente arquivadas.

«Não tivessem eles sido expulsos como o não foram da America do Norte; não tivessem eles sido relegados, como o não foram na propria Alemanha, que a cristandade portuguesa veria em terras suas, sob o advento da democracia, reconhecido e sancionado o principio debatido das *cultuais* — que em qualquer daqueles paises vive e perdura, com inteiro beneplacito da Santa Sé. Para a propria Germania ha uma enciclica, cujas primeiras palavras agora, por acaso, me recordam (*Ad advertenda graviora mala*) em que expressamente se reconhece o regime, em Portugal anatemizado, das referidas associações. Em todo o Brazil são elas velhas, historicas. *Irmandades, ordens terceiras, confrarias* (todas aa formulas portuguesas pelas quais a assistencia, o ensino e o culto se exerciam cumulativamente, desde velhas epocas) estão lá florescentes, reconhecidissimas. O argumento de que nelas póde, porventura, imiscuir-se um individuo que não professe o catolicismo (facto que entre nós, segundo a letra da lei, não póde dar-se) se colhe na disputa que os clericais, insidiosamente, travam com o regimen, não colhe pelo que respeita ao Brazil. Ali, com aplauso de Roma, pertencem ás *irmandades*, ás *ordens terceiras*, individuos de todas as crenças e até sem crença alguma, apenas animados do principio da caridade e da difusão da instrucção e sustentando o culto mais por habito ou luxo, que por obediencia a um credo e sentimento por uma fé. Evidente é, pois, que se o que é tolerado e consentido noutros paises, como prática ortodoxa, é para Portugal anatematizado nos termos mais duros, só á intervenção de um alto poder dominante, hoje ferido, lesado, banido, tal se deve atribuir. Esse poder é o da Companhia de Jesus. O meu livro a sair este mês e a que puz o titulo *A Igreja, as Congregações e a Republica*, é uma prova documentada, irrefragavel, iniludivel das minhas breves palavras, nesta conversa ligeira, e uma prova documentada, iniludivel tambem de que todos os principios do regimen separativo português assentam em principios que a igreja ortodoxa sempre defendeu. Não ha na lei de 20 de abril 1911 uma só disposição que colida com a independencia cristã do clero, com os principios da hierarquia sacerdotal e com a moral catolica.



ADOLFO ANTA E JUBERT

Felizmente já vão encontrando éco no espirito publico os protesto levantados contra a perseguição vergonhosa de que são vitimas estes dois companheiros.

Em S. Paulo um grupo de homens livres espalhou um vibrante boletim expondo ao povo a odiosa odisseia de violencias que Adolfa Anta está sofrendo ha quatro meses e o procedimento indecoroso das autoridades quanto ao processo e a detenção de Joseph Jubert.

No Rio, por iniciativa do Grupo de Estudos Sociais, está-se promovendo uma agitação publica, que teve inicio com a reunião realizada na segunda-feira passada na séde da Federação Operaria, na qual tomaram parte representantes das associações operarias daquela capital.

Foi nessa reunião resolvido puqlicar em nome das associações presentes o boletim a que acima nos referimos convidando o povo para o comicio que se realizou na quinta-feira, no largo Carioca.

Pelos telegramas dos diarios sabe-se já o que aconteceu nesse meeting. Depois de falar o brilhante jornalistas dr. Orlando Corrêa Lopes, condenando com energia as violencias praticadas pelas autoridades policiais desta capital e do Rio contra o povo trabalhador, tomou a palavra o operario Zenon Budaschefzki. Apontando as brutalidades que aqui temos sempre registado, este companheiro fustigou os tiranetes que, sob a proteção dos cargos policiais, vivem a maltratar o povo.

Tal não dissesse. Ali estavam os fieis cães de guarda de S. Belisario para não permitirem nenhuma referencia ao seu senhor.

Esses criminosos legais atiraram-se então sobre o povo, perturbando a ordeira reunião. Depois do comicio prenderam o amigo Zenon.

A agitação em favor de Anta proseguirá, porêm, até que ele seja posto em liberdade.

O Grupo de Estudos Sociais requereu tambem um habeas-corpus em seu favor, mas até agora as autoridades têm conseguido burlar todas as normas legais.

⁂

De Joseph Jubert não se conseguiu saber o paradeiro.

O juiz, despachando o habeas-corpus requerido em seu favor, informou achar-se ele internado na Penitenciaria, onde sómente poderá ser visitado depois de lá estar dois meses.

Ficamos ainda entregues á mesma duvida. O *Correio Paulistano*, o orgão oficial, informou que na Penitenciaria não havia vaga alguma, devendo o nosso amigo aguarda-la na cadeia.

Como, pois, dizem que ele já lá está! E porque se negaram até agora a dar dele informações?

Temos, por todas essas razões, direito de duvidar do que agora informaram.

Só depois de decorridos dois meses é que Jubert poderá ser visitado!

Mas estará realmente ele na Penitenciaria?

MONOPOLIO

Do catolico *Univers*:

"O bispo de Tarbes protesta contra a nova industria dos peitilhos regeneradores da saude e da fé, intitulados "Peitilhos higienicos de Lourdes", "ornados dum escudo " com a scena da Aparição da Vir" gem a Bernardette e, em exergo, " uma oração que os doentes dirão " diariamente para obter o alívio " dos seus sofrimentos *(sic)*"!

"Uma vez mais, diz Monsenhor Schœpfer, o bispo de Tarbes e de Lourdes reprova energicamente e aponta ao desprezo publico semelhantes praticas, bem proprias para contristar as almas verdadeiramente cristãs, tornar a devoção ridicula aos olhos dos incredulos e manter a superstição nas pessoas pouco instruidas, e portanto, faceis de tresviar."

Comentario de Dutertre, em *La Libre Pensée*:

"E, entretanto, o mesmo prelado vai tolerando em Lourdes a venda de medalhas da Virgem a meio franco a duzia, a exibição dos santos misterios cinematograficos, sob a direcção de judeus, a venda de agua do Gave como agua da fonte "milagrosa", a colheita dos círios "soprados" á entrada da gruta, etc., etc. A exploração dos tolos... sim! Mas é para eles e só para eles o monopolio."

Se o bispo de Tarbes fosse logico, denunciaria... toda a Igreja e abandonaria a profissão.

Greve do colonos

A greve de colonos ha já bastantes dias declarada em varias fazendas de café de Ribeirão Preto, ainda continua no mesmo pé.

Apesar da evidente justiça que abriga este movimento, está toda a grande imprensa directa ou indirectamente, a tentar colocar os trabalhadores dos cafesais em situação antipatica perante o publico que por ela se orienta.

Sabe toda a gente a alta de preço que teve o café, ganhando com isso os fazendeiros grandes fortunas. Entretanto as condições de salario dos colonos são as mesmas, com irrisorias e parcialissimas modificações, do tempo da baixa, enquanto a vida tornou-se muitissimo mais cara.

Daí a greve. Não restava outro recurso ás pobres criaturas do eito. De uma fazenda estendeu-se o movimento a diversas outras, mostrando-se os grevistas bastante firmes, apesar das ameaças e violencias de que estão sendo vitimas.

A policia tem feito diversas prisões, procurando amedrontar os trabalhadores com a sua ostentação de força, chegando a distribuir secretas pelas fazendas.

Em uma reunião realizada na Sociedade de Agricultura, os fazendeiros resolveram solidarizar-se com os seus colegas de Ribeirão Preto, aconselhando-os a não aceder ao pedido dos colonos grevistas e tambem a recorrer ao governo para que este corra em defesa dos seus interesses.

Preparemos-nos, pois, para apreciar ainda mais alguma serie de violencias. Todos os diretores da oligarquia desta terra são fazendeiros e muitos deles lá estiveram como figuras de destaque na citada reunião.

Como de costume, andam os senhores da dominação, pelos seus orgãos da imprensa subvencionada a falar em incitadores, em agitadores de profissão, etc., etc....

E' a velha cantilena com que procuram iludir o publico e justificar as suas violencias.

Bíblia vermelha

Nenhum valor historico tem a Biblia, que não passa de uma colecção de contradições e de obscenidades revoltantes, mostrando-nos um Deus estupido, local, déspota, caprichoso, cruel e comedor de filhos. Um escritor catolico, José de Maistre, nega que isso possa ser obra dum Deus e é forçado a confessar que a Biblia é um veneno. Os profetas Moisés, Josué, David, Salomão, não passam de monstros de iniquidade e toda a Biblia se baseia sobre o sacrificio humano e a antropofagia.

Ex-padre Claraz.

⁂

Uma religião que teme a critica não tem razão de ser. Se o cristianismo fosse o que pretende ser, os seus padres diriam: Atacai os nossos dogmas, denunciai as nossas crenças, criticai a nossa fé. Temos séde de verdade e se nos demonstrais ser falso o que ensinamos, de boamente o abandonaremos. Falam assim? Qual! Em vez disso, tratam de inimigos de Deus e dos homens os que atacam o cristianismo e, a exemplo do amo, enchem-nos de insultos neste mundo e condenam-nos no outro.

L. K. Washburn.

GREVE DE TECELÕES

Os operarios da fabrica de tecidos de Nemi Jafet, do Ipiranga, ainda se mantêm em greve, reinando entre todos a mais completa solidariedade.

O ganancioso patrão esforça-se por conseguir que os trabalhadores voltem vencidos ao trabalho, mas estes estão decididos a sustentar as justas reclamações que fizeram.

Os grevistas distribuiram dois bons boletins expondo as razões que lhe assistem na luta justissima em que estão empenhados.

⁂

Tambem ainda perdura a greve dos tecelões da fabrica de Simão Boys, situada no Belenzinho.

Os grevistas espalharam um bem elaborado boletim no qual expõem a sua triste situação e consignam as reclamações que fizeram.

Nas diversas reuniões realizadas pelos operarios tem reinado a maior animação, patenteando-se a vontade firme de todos em sustentar o movimento até á satisfação dos seus modestissimos pedidos.

O tal patrão é que, ferido na na sua ganancia, está procurando submeter os operarios por meio de violencias. Ainda na segunda-feira passada andou ele pelas ruas a empurrar os operarios, procurando força-los a entrar para o seu ergastulo industrial. E como ao seu serviço estavam os esbirros, ameaçava a todos de prisão chegando a apontar varios trabalhadores aos secretas que por lá andavam ostentando as suas bravatas.

As reclamações feitas pelos operarios são as seguintes: diminuição de 1 hora de trabalho e um aumento de salario assim descriminado: no pano 6, 36 réis; no pano A, 35 réis; nos panos X, K, B. e F., 34 réis; nos panos J. e D., 20 réis.

Para que os leitores façam uma ideia aproximada da situação tristissima destes operarios, é suficiente dizer-se que as suas condições de trabalho são ainda inferiores ás dos trabalhadores da fabrica do Ipiranga, das quais demos uma nota em nosso numero passado.

E depois... ainda dizem os vendilhões da imprensa de que aqui os operarios estão bem!

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Inglaterra

PRO'-OPERARIOS BALCANICOS — Huysmans, secretario do Bureau Socialista Internacional, e Legien, secretario do Bureaux Internacional Sindical, dirigiram a todas as organizações operarias e socialistas do mundo um energico apelo a favor dos grupos operarios balcanicos, cruelmente esmagados pela terrivel guerra actual. Esse apelo teve um acolhimento muito favoravel em Inglaterra. Os grandes jornais socialistas publicam listas de subscrição a favor dos operarios balcanicos, estando a subscrição do *Daily Citizen* em 212 libras. Por seu turno os operarios ingleses já concederam 10.000 francos a favor dos seus camaradas.

UNIÃO FERRO-VIARIA — Inaugurou-se em Londres a União Nacional dos operarios dos caminhos de ferro. O numero de assistentes ultrapassou a espectativa. Em Hyde Park compareceram em cortejo cincoenta mil pessoas.

A União Nacional fusiona os tres mais importantes sindicatos dos caminhos de ferro ingleses que englobam 190.000 operarios e possuem mais de dois mil e quinhentos contos de réis nos seus cofres de resistencia. A historia dessas colectividades data de 1872, dos tempos gloriosos da poderosa *Internacional*. Em 1912 uma dessas colectividades contava 132.000 membros.

Organizadas as tres associações numa União fica constituido o mais forte Sindicato de todo o mundo.

LEIS ANTIBLASFEMATORIAS — Continúa a campanha de imprensa e de comicios para revogação das arcaicas e absurdas leis que reprimem a blasfemia, como se vivessemos na idade média.

Alemanha

OS SOCIALISTAS CONTRA A LEI MILITAR — O orgão central do Partido Socialista Alemão começou a publicar, num dos seus ultimos numeros, uma serie de artigos contra o projecto militar.

No primeiro artigo, que enche tres colunas do grande diario *Varvaerts*, estuda-se a origem do projecto militar. Depois de repudiar como inconsistentes os motivos invocados pelo governo para justificar o aumento do exercito, o orgão socialista censura a politica internacional da Alemanha que a conduz a conflitos com todas as nações.

O artigo, que fez uma grande sensação, conclue dizendo que os formidaveis armamentos previstos pelo projecto só se explicam pelo desejo de colocar o exercito numa situação politica favoravel.

CONGRESSO LIVRE-PENSADOR — A «Federação dos proletarios livres-pensadores» preparava-se para celebrar, em Brunswick, o seu 4.º congresso. No primeiro congresso, o de Eisenach, em 1908, contava ela 12 grupos com 350 membros; no congresso de 1909, em Halle, já reunia 44 grupos com 2.200 associados; em 1911, no congresso de Helsenkirchen, esses numeros tinham subido a 61 grupos com 3.400 socios; hoje a Federação é constituida por 91 sociedades com cerca de 5.000 aderentes. E' um belo exemplo de crescimento rapido.

GREVE DE CAROLAS — O professor primario Hildwein, de Wettolsheim, quando ensinava a Biblia, explicava-a racionalmente. Exemplo: a sarça ardente de Moisés era um relampago; o maná era uma planta nutritiva; Jonas, se tivesse entrado na baleia, teria sido dissolvido pelo suco gastrico; se Moisés fez brotar agua da rocha com a sua vara, é porque sabia existir ali uma fonte; o inferno só existe na consciencia; etc.

Os pais, escandalizados, organizaram uma greve de alunos, e o professor foi processado e condenado por ofender os ensinamentos da Igreja!

Verdade seja que tambem os pais foram multados ligeiramente por causa da greve, o que de modo nenhum compensa o odioso e o absurdo da imposição do dogma e das mentiras biblicas.

FURA-GREVES CRISTÃOS — Os operarios das associações cristãs dão repetidos exemplos de traição nas lutas contra o capitalismo. De Crefeld vem noticia de mais um desses casos.

Os sindicatos «vermelhos» e os «cristãos» da industria textil do Baixo-Reno tinham-se posto de acordo para melhorar as tristes condições dos operarios tintureiros.

Depois de muitas negociações estalou a greve, exigindo aumento de salario e diminuição de horas. Os patrões recusaram ceder e acabaram por declarar o *lock-out*. Em 18 de março, sendo boa a situação para os grevistas, os dirigentes dos sindicatos cristãos, sem consultar os vermelhos, ofereceram a capitulação aos patrões! Era uma ordem do clero.

Este ultimo mostrou tambem o seu papel no movimento operario por ocasião da greve dos operarios das livrarias pias de Kerclaer, cidade de peregrinação na Prussia renana, operarios esses todos filiados no Sindicato cristão e na Liga Catolica. Para vencer a teimosia patronal, decidiram eles declarar a boicotagem dos livros e artigos pios de Kerclaer, devendo enviar para isso uma circular aos negociantes e livreiros catolicos. Mas os bispos intervieram logo, a pedido dos patrões, e proibiram a projectada boicotagem, deixando assim os operarios fieis desarmados em frente dos patrões igualmente fieis, mas fielmente intransigentes...

O remedio é agruparem se os operarios em sindicatos independentes dos partidos e das seitas.

Austria

PROCESSOS MEDIEVAIS — O comissario do distrito de Liskoro ordenou a um pai de familia livre-pensador que mandasse batisar o filho, pois do contrario a autoridade decidiria a que religião devia a criança pertencer! O governador da Boemia, para o qual o pai apelou, determinou que, se no fim de quinze dias o queixoso não tivesse dado ao filho uma religião, seria preso!

Tambem em Zizkow (Praga), o chefe de distrito Smutny não permittiu que dez crianças sem religião passassem para a classe superior da escola primaria, apesar do seu bom aproveitamento escolar, e isso porque a religião faz parte integrante do programa! Os pais apelaram.

A indignação causada por esta intolerancia determinou a formação, em Praga, dum comité monista, que tratava de fundar uma União boemio-eslava dos monistas socialistas da Austria, para a qual havia já mais de 5.000 pedidos de admissão. O governo recusou os estatutos provisorios, mas este obstaculo não era insuperavel.

Portugal

CONGRESSO RURAL — Em 5, 6 e 7 de abril, reuniu-se em Evora o 2.º congresso dos trabalhadores do campo, estando representadas 69 associações ou sindicatos, quase todos do Alemtejo e alguns do Ribatejo.

Os congressistas, todos trabalhadores agricolas, distinguiram-se pelo bom senso das suas palavras rudes e pelo acerto das suas decisões. E' consolador para os homens de progresso o belo espectaculo de servos da gleba, tão explorados e oprimidos, tratando da sua propria emancipação, sem chefes politicos nem maus pastores.

A resolução mais importante foi a da greve geral agricola, aprovada em principio, para o momento oportuno. Tambem se decidiu fazer em 2 de junho uma greve de 24 horas, como protesto contra as prisões e detenções arbitrarias.

O Congresso escolheu dois trabalhadores rurais para representarem a corporação no Congresso de Cordova, dos camponeses espanhois.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Associação filiada á Federação Internacional do Livre Pensamento, com séde em Bruxelas (Belgica).

Todas as quintas-feiras, á noite — admissão de novos associados, conferencias e palestras.

— Aulas para os socios e suas familias, tambem á noite, durante a semana, de portuguez, francez, aritmetica, geografia, historia, desenho linear e geometrico e outros mais que serão oportunamente inauguradas.

RUA MARECHAL FLORIANO N. 118 1.º ANDAR.

O MONISMO

Eis como, no *Mundo*, de Lisboa, o sr. Fernandes Cabete, respondendo a um religioso define o monismo:

O movimento, que é Deus, é a origem de tudo. Ele está insito na materia, fazendo com ela um todo unico. Esse todo unico é a substancia eterna. Nunca teve principio nem ha-de ter fim. Uma das manifestações da substancia eterna, senão a primeira, é a transformação nas suas multiplas modalidades. Essa transformação é eterna como são eternas as leis reguladoras da substancia. Os miriades de corpos que povoam o espaço infinito estão, como o nosso planeta, sob a acção de sistemas que leis eternas regulam. E' o sol o centro regulador do sistema a que pertence. A vida organica da terra, como certamente a de todos os outros satelites deste sistema, é o resultado do concurso fortuito de condições favoraveis á sua manifestação, dadas sob a influencia desse centro regulador, o sol. A vida organica, portanto, deste planeta é um mero acidente que deixaria de dar-se, se não concorressem tais condições. Isso traduzido em miudos quer dizer que Deus é uma energia uma força e não um ser pessoal, como querem o papa e o... bispo de Beja para sua conveniencia. E assim as religiões não se justificam por falta de objectivo.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes — Esta agremiação realiza uma assembleia geral na proxima terça-feira, 13 do corrente, ás 7 horas da noite.

Pedem os membros da comissão administrativa o comparecimento de todos os consocios. Séde: rua do Carmo, 36.

Sindicato Operario de Oficios Varios — Este sindicato, tendo assunto de grande importancia para tratar, pede o comparecimento de todos os seus associados para a assembleia que se realizará na quarta-feira proxima, ás 7 horas da noite.

Séde social: rua do Carmo, 36 (moderno).

Todas as noites, expediente das 7 ás 9 da noite.

União dos Pedreiros — Peço o comparecimento dos antigos socios desta extinta associação dos pedreiros e serventes á assembleia que se realizará hoje, sabado, ás 7 horas da noite, na rua do Carmo, 36 (moderno).

A esta reunião não devem faltar os membros do ultimo conselho, pois vão-se resolver assuntos de grande importancia e que não se podem transferir. — *A. B.*

Sociedade Fraternidade dos Colchoeiros — Esta sociedade operaria, fundada em 1901, para a defesa dos interesses da classe, realizará uma festa na noite de hoje, no Salão Almeida Garrett, na rua Martim Burchard, no Braz.

Trabalhadores em fabricas de macarrão — Acaba de ser reconstituido o sindicato de resistencia desta classe.

As duas primeiras reuniões realizadas tiveram bastante animação, devendo ter sido efetuado uma outra na noite de hontem, na séde dos sindicatos, á rua do Carmo, 36.

União Grafica — Teve lugar no sabado passado, conforme noticiámos, a assembleia deste sindicato.

Foram tomadas diversas deliberações tendentes ao seu desenvolvimento, tratando-se tambem da sua representação no 2.º congresso operario.

União Geral dos Artifices em Calçados — Convidam-se os sapateiros em geral para comparecerem á grande assembleia que se realizará domingo, 11 do corrente, as 8 horas da manhã, na rua do Carmo, 36, afim de serem discutidos assuntos urgentissimos que dizem a respeito á classe em geral.

Pede-se a comparencia de todos aqueles que se interessam pelo seu bem estar economico. — A COMISSÃO.

UMA LADROEIRA LEGAL

Não tem nome o que se verifica de torpe, de revoltante por esses ergastados industriais, onde milhares de pobres criaturas vivem a labutar insanamente da madrugada á noite, sujeitas a regimens de verdadeira escravidão, para enriquecer esses tipos que por aí andam a ostentar comendas do Vaticano.

Infelizmente bem pouco podemos fazer com o semanario para pôr a calva á mostra a esses ladrões de casaca, descrevendo devidamente as suas ladroeiras.

Entretanto, relatemos mais este facto que veiu ao nosso conhecimento.

Ha no bairro do Braz uma fabrica de tecidos de nome «Labor», onde os operarios trabalham das 6 e meia horas da manhã ao meio-dia e de 1 ás 8 horas da noite, sem tomar refeição alguma!

Nessa fabrica foi trabalhar o operario Ambrosio Cunanne.

Ganhava uma miseria. Não podendo suportar por mais tempo tal situação, resolveu procurar outra fabrica.

Quando foi receber o seu salario, 56$800 num mez, descontaram 24$ como multa de 8 dias de trabalho!

E isso é do regulamento da fabrica. Quando um operario quizer abandona-la, deve dar aviso oito dias antes. Entretanto são despedidos quando isso aprouver aos seus directores!

Isto não passa de uma ladroeira cometida á margem da lei.

Capacitem-se os trabalhadores de que só conseguirão acabar com estes abusos quando se organizarem fortemente em suas classes.

EM BATATAES

A Liga Operaria desta cidade, compreendendo a grande necessidade da União de todo o proletariado deste paiz para a luta em favor dos direitos menospresados, resolveu em sua ultima assembleia geral enviar a sua adesão á Confederação Operaria Brasileira.

EM BAURU'

Movimento de sapateiros — **Os operarios da sapataria dos srs. Santinho & Aires, não podendo suportar por mais tempo a situação precaria em que se encontravam em consequencia da exiguidade dos seus salarios, resolveram reclamar um aumento de 1$ em cada par de botinas confeccionado á taxa-ponto, isto é, em vez de 5$ receberem 6$000.**

A resposta ao seu oficio foi desfavoravel e ainda provocadora, pois aqueles srs., muito ao contrario de atenderem ao justo pedido dos operarios, ainda declararam que reduziam de 1$ o par de botinas confeccionado a ponto legitimo.

Os operarios publicaram um boletim dirigido á classe, aconselhando a que nenhum sapateiro vá trabalhar na casa citada emquanto o seu pedido não fôr satisfeito.

NO RIO

Confederação Operaria Brasileira — Esta importante agremiação está enviando a todas as sociedades operarias do Brasil a seguinte circular, para a qual tambem de nossa parte chamamos a especial atenção dos trabalhadores:

Caros companheiros: — Como deveis ter conhecimento, pela *Voz do Trabalhador*, a Confederação Operaria Brasileira resolveu, na ultima reunião da Comissão Confederal, nomear esta comissão especial organizadora do 2.º Congresso Operario Brasileiro a realizar-se brevemente nesta cidade.

E é continuando os trabalhos, já encetados, para a realização do proximo congresso, que vos dirigimos esta circular no sentido de bem encaminhar os esforços tendentes ao fim que temos em vista.

As anteriores circulares deixaram bem patente a necessidade urgente dum 2.º congresso, no qual sejam estudados e ventilados os meios praticos de se levarem por diante, mais intensamente, as resoluções tomadas no memoravel 1.º congresso de 1906. Por outro lado, as vossas respostas áquelas circulares, ao mesmo tempo que nos estimularam a prosseguir na rota traçada, vieram fortalecer a convicção, que temos, dos bons e fecundos resultados que, para a nossa causa, trará a reunião dos trabalhadores organizados do Brasil, reunião essa continuadora, sancionadora e executadora dos meios de acção estabelecidos em 1906.

Assim, entrando no caminho pratico para a imediata consecução do nosso desideratum, esta comissão vem lembrar-vos e expor-vos os pontos a serem preliminarmente resolvidos e acordados entre todos nós, afim de solidificar e levar a bom termo a iniciativa que ora nos preocupa.

Pedimos-vos, pois, que discutais e decidais, o mais breve possivel, o que se segue:

1.º — A data em que deve ser realizado o congresso.

2.º — Os temas que julgueis conveniente apresentar.

3.º — O dinheiro com que podereis concorrer para as despesas do congresso.

Quanto á data ha o seguinte. E' de toda a necessidade que seja fixada ainda para o primeiro semestre corrente: junho, ou julho, quando muito. E mais. Naturalmente haverá discordancia nas datas lembradas pelas diversas agremiações. Neste caso, esta comissão resolverá de acôrdo com a que estiver mais em harmonia com as conveniencias de cada uma.

A respeito dos temas, teremos tambem que adotar o processo de seleção e harmonização, isso, é claro, sem nenhum prejuizo de qualquer parte.

Outrossim, deveis desde já ir vos preparando para enviar delegados proprios ao congresso, o que é de grande conveniencia.

Lembramos ainda, e frizamos a importancia da questão, a grande utilidade dum relatorio a respeito da vossa agremiação. Esse relatorio deverá formar um historico conciso de todo o movimento passado e presente dessa agremiação, assim como a sua influencia no meio operario e social dessa localidade, etc.

Esperamos, caros companheiros, que vos apressareis em nos responder, para que os nossos trabalhos sejam regulados em tempo e em ordem, unica maneira de levarmos avante, o com bom exito, a tarefa a que nos propusemos. A realização do 2.º Congresso Operario Brasileiro é de capital importancia, no momento actual, para o movimento emancipador do proletariado do Brasil. Ele deve marcar uma éra nova de lutas eficazes e proficuas. Ele tem que marcar o inicio duma época de vastas e possantes agitações, que serão a base para as conquistas decisivas, para as reivindicações justiceiras.

Saude e Solidariedade.

Pela comissão especial organizadora do 2.º congresso, *Astrogildo Pereira*.

NOTA — Toda a correspondencia deve ser dirigida á Caixa Postal 1.427, Rio.



Secção amena

Um operario que trabalhava nas reparações duma igreja caíu do alto duma escada elevada, sofrendo apenas ligeiras contusões. O vigario acode, certifica-se do resultado da queda e diz:

— Dê graças a Deus.

— Não ha razão para isso, pois ele não me poupou um degrau sequer!

Um mendigo estende a mão a um conego obeso:

— Ainda hoje não comi...

— Muito bem, muito bem, meu filho; louvo a vossa religião... Perseverai nesse santo jejum e eu vos darei... indulgencias.

A Libauer Zeitung afirma ter visto uma carta procedente do governo de Kowo (Russia) com o seguinte endereço: «A Deus Nosso Senhor, no Céu.» O empregado, ignorando o alemão, mandou-a para a Alemanha com a indicação seguinte, por lhe faltar a franquia: «20 kopecks de taxa a pagar.» Da Alemanha foi a carta devolvida com esta explicação: «Devolvido ao remetente. O destinatario, Deus, habita no céu, com o qual não está organizado o serviço postal.»

Se o empregado que escreveu isto fosse catolico, mandaria a carta ao papa, representante de Deus na Terra. O papa deve ter correio, telegrafo e telefonio com o patrão.

A "Lanterna" em Machado

(MINAS)

OS OPERARIOS SE LEVANTAM — O GOVERNO DE MINAS Á SOMBRA DO CLERO — UM CIGANO SEM BARRACA.

A classe operaria, que tem sido o tesouro inexgotavel para a ganancia dos ladrões de batina, está-se despertando do torpor produzido pelo narcotico envenenador que os bandidos da famosa quadrilha jesuitica exploradoramente lhe ministravam para roubar o pão a pobres criancinhas que gemem de frio e fome sem um abrigo para descansar o corpo enfraquecido pela miseria, dormindo quase ao relento em casebres esburacados, onde passa a luz das estrelas para iluminar-lhes o leito.

Emquanto elas gemem, o padre ri; emquanto elas choram, o padre canta.

Cansados de serem explorados, e compreendendo a necessidade de preparar melhores dias para seus filhos, reuniram-se em associações, formando, como aqui, a Liga Operaria Machadense, filiada á Confederação Operaria Brasileira; se todos os operarios da Liga comprenderem o fim util e altamente humanitario da associação, lutando com denodada coragem em prol dos interesses da classe e da sociedade, ensinando no lar os preceitos do ideal dos trabalhadores modernos, livres do jesuitismo, então desaparecerá a miseria e o operario instruido seguirá impavido e seguro o caminho do porvir.

Para o operario chegar a tal fim, muitos obstaculos se antepõem. O principal é o jesuita, que vive da ignorancia; um outro, constituido por aqueles que estão encarregados da administração nacional, ministrando a instrução ao povo — o governo.

Em Minas, dominada por uma funesta oligarquia, onde a proteção é a unica qualidade que habilita qualquer individuo a empregos publicos, a instrução está confiada quase exclusivamente a professores ignorantes e carolas, que antes de tudo ensinam as crianças a rezar, mandam-nas para a igreja, ao catecismo, á missa, pouco se importando que elas saibam ler.

E' de esperar que nesta oligarquia tambem queiram, como na Espanha, estabelecer o ensino religioso obrigatorio, para maior garantia das «Viuvinhas», pois que, como o clero, seu grande auxiliar, tambem encontra maior apoio na ignorancia.

Para provar o expendido basta lembrar que para o lugar de ajudante da 1.ª cadeira desta cidade «foram apresentados alguns moços» nas condições de bem desempenhar a ardua missão do cargo, nada conseguindo; e agora um tal Zacarias, seminarista de Pouso Alegre, que ha-de mais tarde concorrer para o embrutecimento do povo e interesse da oligarquia, facilmente arranjou com o jesuita que ocupa o lugar de secretario do Interior do Estado de Minas a nomeação de adjunto.

Ao som da flauta da presidencia, pouco importa ao dr. Delfim Moreira que a instrucção seja bem ministrada, contanto que os seus protegidos venham a ser uteis e fieis servidores de sua ambição.

Ao passo que os homens se vão desprendendo da ferrea corrente jesuitica, as mulheres servem de doceis instrumentos nas mãos do hediondo cigano, levando esmolas que mendigam pelas ruas ou brindes que vendem em leilão.

Agora o conego Dutra, um grande artista, espalhou pelas crianças uns cartões contendo grande numero de quadrinhos, e que á primeira vista parece tabela do jogo do bicho, com o seguinte escrito no alto: — Confederação das Senhoras Machadenses para solver o compromisso contraido pelo conego Dutra; cada bobo que cai com o tostão faz com um alfinete um buraco no quadrinho e quando estiver todo furado, entrega ao banqueiro.

Certamente daqui a pouco ele levará as crianças pelas ruas a dansar, qual ciganos pelas estradas, ou então mandará o sr. Paulo bancar a vermelhinha dentro da igreja.

O melhor mercado é a igreja.

João Mineiro.

Machado, 20—4—913.

13 DE MAIO

O Grupo de Estudos Sociais recentemente fundado no Rio com valiosos elementos da propaganda, vai aproveitar todas as grandes datas para expôr, em conferencias e palestras publicas, os principios de inovação social.

A primeira dessas conferencias realizar-se-á, naquela capital, no proximo dia 13, num dos teatros do centro.

Falará o dr. José Oiticica, encarando a data da libertação dos escravos sob o prisma do ideal libertario.

"NO PAIZ DOS FRADES"

Ainda nos restam algumas centenas de exemplares deste excelente romance que, depois de aparecer, com grande sucesso, em folhetim, na *Lanterna*, foi por nós reunido em proveitoso volume de 134 paginas.

Sobre o valor desse interessantissimo livro, como produção literaria e como obra de combate corajoso contra a obra nefasta do clericalismo, já bastante aqui e em outros jornais foi dito.

Com a publicação de *No paiz dos frades*, em que a chaga clerical é exposta com todas as suas podridões, lançou José Rizal a sua sentença de morte. Serviram-se dele os frades que infestavam as Filipinas para conseguirem da rialeza espanhola a ordem de fuzilamento do heroico tagalo.

E' um livro de delicada e sã literatura e de combate audaz ao clericalismo devastador, que merece ter uma larga divulgação.

E é por isso que resolvemos reduzir o seu preço para menos de metade, vendendo-o agora a 300 reis cada exemplar, na redacção, e 600 réis, registado pelo correio.

Para a compra em porção de mais do 20 exemplares fazemos ainda uma redução de 15 por cento.

As associações e grupos de propaganda farão boa obra divulgando *No paiz dos frades* entre os seus agremiados, contribuindo assim, tambem, para que, exgotada a sua edição, possamos editar um outro livro.

Passaporte celeste

Entre as colecções do Museu britanico ha o documento seguinte:

"Macarius, arcebispo de Kief, de Haliez e de todas as Russias, a nosso senhor e amigo S. Pedro, porteiro de Deus omnipotente:

"Levamos ao teu conhecimento que hoje mesmo morreu um servo de Deus, chamado principe Teodoro Wladimirski; ordenamos-te que o conduzas directamente, sem oposição alguma e sem demora, ao reino de Deus. Nós o absolvemos de todos os seus pecados, concedendo-lhe a nossa benção. Por conseguinte, nada se opõe a que o deixem passar; e para que assim seja, entregamos-lhe a presente carta de absolvição, feita em nosso mosteiro de Kief, hoje 30 de julho de 1341."

Quanto terá desembolsado, para emolumentos, a familia do finado?...

Materia adiada

Deixamos para o proximo numero muita materia, entre a qual está uma nota sobre uma quixotada cometida pelo delegado de Jahú com o nosso companheiro João Penteado.

GRANDE FESTA OPERARIA

No Salão Celso Garcia, á Rua do Carmo n. 39

Promovida pelo Sindicato de Oficios Varios, será realizada no dia 24 de maio uma grande festa de propaganda, para relembrar a conquista da jornada de 8 horas.

Pelo provecto Grupo Dramatico Libertario *Mario Rapizardi* será executado o seguinte

PROGRAMA:

I. — *Primo Maggio*, em italiano. Peça social em um acto e um prologo de P. Gori.

II. — *La morte di Francesco Ferrer*, peça em um acto, em italiano, de Grippiola Francesco, pela primeira vez representada em S. Paulo.

III. — Conferencia em portuguez, por um companheiro, sob o tema: *O Sindicalismo revolucionario.*

IV. — Um pequeno intermedio que constará de poesias, monologos e canto, pelo sr. Silvio Bertuzzi.

V. *O Pecado de Simonia*, comedia social em um acto, de grande sucesso, em portuguez, de Neno Vasco.

VI. — Grande quermesse e baile familiar.

A "Lanterna" em Sete Lagoas

(MINAS)

«Só uma obtusidade cornea ou máfé cinica» — usando da expressão de Eça no *Crime do padre Amaro* — poderia tomar a correspondencia publicada no n. 179 da *Lanterna* como um insulto ás familias sete-lagoanas. Como já deixámos dito, o Camundo foi apenas o porta-voz do grito de alarma das consciencias dos homens de bom-senso, que viam na associação clerical aqui fundada mais que uma ameaça, um perigo constante para as familias. Doia-lhe o ver as formosas moças da terra das garças e dos lagos azuis, dantes tão cheias dessa alegria clara da mocidade, expansivas e rosadas, tornarem-se de momento macambusias e timidas, fugindo do convivio social em obediencia aos conselhos do confessionario. Doia-lhe a ele e a todos os sinceros admiradores do belo sexo a certeza de que, a continuar assim, acabariam as festas e as alegrias desta terra, tornando-se as moças todas umas velhas beatas mastigadoras de terços, com olhos e ouvidos somente para os padres e coisas de sacristia.

A mulher é a mais linda obra da natureza, é a flor mais perfumosa e cara do jardim da vida, principalmente nessa risonha primavera da mocidade, quando tudo são alegrias e sonhos. E como é grato aos corações, de moços e de velhos, de irmãos e de pais, de sonhadores e poetas, vê-las sadias e alegres, formosas e castas, saturadas de vida e de poesia! Mas tambem, como dói aos corações amantes da verdade, amantes da poesia, amantes da vida ver essas castas e lindas flores humanas fenecendo tristemente sob o bafejo pestilencial dum lugubre padre catolico! O padre é um coveiro e não um jardineiro. A sua missão é preparar almas para o céu e não corpos para a vida. Tudo nele é negro e lembra a morte.

Eis porque é tam caracteristica a fisionomia da beata. Da côr das ceras da igreja, falando no tom hipocrita das ladainhas e dos confessionarios, com o olhar de defunto desconsolado, o passo cadenciado no ritmo das procissões, a atitude sorumbatica das duvidosas santas que enchem os nichos dos altares. Tudo nela tresanda a sacristia. Mal ouve na igreja o badalar dos sinos, deixa as obrigações caseiras, esquece-se dos filhos e lá vai reverenciosamente beijar as mãos do vigario, resmungar rezas e indagar das novidades devotas, se ha breve alguma festa religiosa, se apareceu algum novo santo, se as filhas de Fulano já se confessaram no mez, quando é que volta o padre Sicrano — aquele santo! — e se o sr. vigario sabe disto e mais daquilo. A frequencia assidua ao confessionario fá-la tornar-se mentirosa e mexeriqueira. Para agradar ao sr. vigario, que é o seu deus, diante dele sente a necessidade de elevar as suas proprias virtudes devotas, deprimindo as virtudes das beatas rivais e denunciando os actos dos outros, que ela julgue contrarios ás palavras blandiciosas do confessor. E isso é ainda um muito palido esboço. Nem o nosso tempo nem o espaço de que dispõe a heroica *Lanterna* nos permitem descrever com maior perfeição esse tipo ridiculo, que hoje é uma parte de estudo da patologia das doenças mentais. Mas nem por ser uma doente a beata se torna menos ridicula e desprezivel.

Apontem-me aí, srs. carolas, alguem de bom-senso, digo mesmo algum catolico que não seja fanatico, que ache bela e digna de imitação e louvores a religiosidade espalhafatosa e obcedante duma mulher. Até os proprios padres de boa-fé (que os ha, rarissimamente) condenam sem subterfugios esse fanatismo doentio, por o considerarem, alem de uma tolice, um prejuizo para a boa-paz das familias. A mulher, esse tesoiro tam lindo e tam precioso, pertence á familia, a seus pais ou a seus filhos. Agora a mulher fanatizada pertence á igreja e ao padre, de alma e corpo. Segundo a nesse ponto clarissima doutrina da Igreja, para cumprir as determinações do padre confessor, não é pecado, antes é uma virtude, o desobedecer a pais e maridos. Somente o padre cuida da salvação de sua alma, somente ele é digno portanto de ser escutado e estimado. Os homens (que o padre não é um homem, é mais do que Deus!), pais, maridos, irmãos, são todos uns perdidos, só podem arrastar comsigo a mulher ao inferno...

Isso é a clara doutrina prégada pelo clero. Quais as consequencias que podem advir duma tam baixa e estupida e imoral doutrina?

Consequencia boa, nenhuma. As santas já não são mais para os dias de hoje. A medicina toma-as irreverentemente das mãos da Igreja e coloca-as nos hospicios. Hoje queremse mulheres sadias de espirito, que saibam com dignidade afrontar a penosa luta da vida. Os rosarios e confissões não atenuam as dificuldades domesticas, enfermam e embrutecem.

Decerto os amantissimos pais das graciosas flores que embelezam e perfumam a terra das garças e dos lagos azuis não se darão por felizes em vendo as suas queridas e inocentes filhas se transtornarem em mostrengos impregnados de superstição e de agua benta. Decerto que não desejam isso, receiam mesmo que tal se dê. Se concedem licença ás filhas para ingressarem nas fileiras da capciosa associação arranjada pelo conego Sansoni, é porque temem, uns, a lingua viperina das beatas e, outros, desgostar as moças, que são por sua vez arrastadas pelo espirito de imitação e pelo desejo de procurar novas distrações. Ninguem é levado pela vontade de se fazer carola. Mas a obra de fanatização vem depois. E' claro que nem todas enfermam de tam triste molestia. Quasi todas porêm são feridas de morte. A peçonha que envolve os ensinamentos da Igreja penetra de tal maneira que certos espiritos fracos inevitavelmente sucumbem. Ri-se então o padre. Está pronta a sua obra, a Igreja tem ás mãos mais uma escrava de seus deshumanos designios.

Já muito nos alonguemos hoje. Até breve, pois.

X. X.

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

G. D. Anti-Clerical — Reunião amanhã, 11 do corrente, ás 7 horas da noite, na séde da Liga Anti-Clerical, á rua Marechal Floriano, 118, para tratar de assuntos urgentes. Pede-se o comparecimento de todos os companheiros.

⁂

No salão do Centro Galego realizou-se no dia 30 uma velada de propaganda promovida por este grupo.

A's 7 horas da noite, estando o salão completamente cheio, notando-se elevado numero de senhoras, deu se começo ao programa, que constou de duas peças em 1 acto, o *1º de Maio*, de Gori, e *Amanhã*, de M. Laranjeira.

Ambas foram bem representadas, tendo os seus interpretes recebido calorosos aplausos durante e ao terminar o seu desempenho.

O dr. José Oiticica falou sobre o — trabalho livre — tema da sua conferencia.

Não nos é permitido, como desejavamos, dar nem mesmo um rapido apanhado do que foi a oração do esforçado moço, que veiu espontaneamente pôr ao serviço da nossa causa a sua energia e o seu telento de orador e sociologo esclarecido.

O companheiro Demetrio Minana cantou acompanhado ao piano duas romanzas.

Terminada esta parte do programa, deu-se inicio á quermesse, seguindo-se-lhe as dansas, que terminaram ás 4 horas da manhã.

Foi uma bela festa de propaganda.

Bilhetes e recados

Recife — L. Larocerie: Alegrounos a noticia da fundação do nucleo de propaganda. Assim, com a união dos elementos activos, maior proveito se proporcionará á nossa obra. Mande-nos uma lista das pessoas que possam assinar a *Lanterna*. Saudações aos lutadores daí.

Barretos — J. H.: Seguiu o recibo da assinatura paga. Saudações.

Serrinha-Pedras — J. F. da S.: Publicaremos. Seguiram os pacotes. Saudações.

Campinas — P. B.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Pelotas — L. H.: Os folhetos foram expedidos logo após o recebimento da sua de 2 de 4. A sua ultima trouxe o recibo e não o vale de 12$. Saudações.

Jundiahi — M. J. da F.: Registados o pagamento das tres assinaturas. Seguiu o n. pedido. Saudações.

S. Paulo — S. Corumbá: O seu trabalho será publicado. A exiguidade de espaço não nos permite dar imediato acolhimento a toda a colaboração com que distinguem a *Lanterna*. Felizmente a sua breve publicação diaria virá acabar com essa falta. Saudações.

Pirassununga — I. C. de A.: Seguiu o romance. Saudações.

Brodowski — Q. T.: Recebemos a importancia da assinatura e do compromisso. Seguiu o recibo. As acções irão dentro em breve. Saudações.

Ribeirão Preto — J. S.: Registado o pagamento da assinatura do sr. R. G. J. Saude!

Pirajú — L. M.: Seguiu a nota sobre a sua assinatura e a do sr. F. P. Deve ter havido atraso. Saudações.

Ribeirão Preto — R. G. Jardim: Recebemos do sr. J. S. a importancia de sua assinatura anual. Seguiu a informação. Saudações.

S. J. do Rio Pardo — V. A.: Recebemos a nota sobre a famigerada lei do magro Gordo, que aproveitaremos. Seguiu o folheto. Não temos o livro indicado.

Rio — Adrecal: Sim, sem novidade. Transmitido o recado ao A. Registámos o compromisso de mais quatro acções. Saudações.

Rio — Macedo: Recebidos os compromissos dos srs. Antonio Viegas de Carvalho e Manuel Tavares de Almeida. Ainda bem que os amigos da propaganda vão-se compenetrando da necessidade do nosso diario. Saude!

Caxambú — J. D.: Seguiram os recibos dos dois anos pagos. Bastante ganharia a propaganda em que está o jornal empenhado, se todos assim procedessem. Satisfez-nos, pois, a sua preocupação de pontualidade. Saudações.

Machado — J. Mineiro: Recebida a correspondencia, que vamos publicar. Saudações.

Pelotas — T. C.: Seguiram os postais. Já nos comunicaram de Portugal a remessa dos ns. pedidos da *Sementeira*. Sumamente gratos lhe somos pelo esforço com que tem procurado divulgar a *Lanterna* nessa cidade. Saudações.

Belo Horizonte — A. M. da S.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Rio — L. M. da S.: Recebidos os 1$200 para os folhetos. Saudações.

Rio — Zenon: Os endereços são: Matriz, 13 e dos Morros, 76. Nada de novidade. Saude!

Santos — C. G. R.: Recebemos os dois coupons em favor do emprestimo para a transformação da *Lanterna* em diario. Saude!

Pelotas — A. M. C.: Quanto á remessa do jornal, fizemos como nos disse. Esperamos que os amigos dessa cidade nos prestarão o seu franco apoio para conseguirmos publicar o nosso diario. Saudações.

Pau d'Alho — Bombarda: Em mãos a sua de 17 — 4. Está bem. Saudações.

Rifaina — S. E. N.: Não é motivo para tal decisão. Não faltará ocasião de prestar-lhe a sua ajuda. Saude!

Crato — T. da C. B.: Gratos pelas palavras de alento dirigidas ao jornal. Urge da parte dos livre-pensadores uma energica campanha contra todos os elementos que vivem a incutir os preconceitos religiosos no espirito do povo ingenuo. Tomemos como exemplo a actividade dos nossos inimigos. Saudações.

C. de Mato Grosso — Aldemar Justo: Pois o jornal tem seguido sempre. No Rio ha muita animação, notando-se tambem, por aí afora, um certo despertar. Pelos nossos jornais terás melhores noticias. Saudações dos amigos.

Sertão de Minas — Z. Z.: Recebemos a ordem para pagamento da assinatura e da musica. Logo que chegue o folheto mandaremos os exemplares pedidos. Mandamos-lhe a coleção da esplendida *T. L.* certos de que lhe agradará. Mesmo assim muito poderá fazer em favor da propaganda e disso já tem tido prova. Infelizmente nem todos se podem ainda apresentar abertamente no campo da luta. Já não estranhamos tal procedimento, que parece ter entrado nos habitos desses tartufos. Saudações.

Rio — O. Xavier: A reunião foi anunciada; entretanto é conveniente falar com os companheiros que estavam á testa do grupo. Quer a coleção completa? Saude!

Bagé — A. de O. S.: Recebemos o vale. Seguiram os recibos das assinaturas pagas, os folhetos e a lista nova. Riscámos o endereço mencionado. Saudações aos companheiros.

Rio — V. Fernandes: O jornal foi-nos devolvido, como poderá verificar pelo exemplar que lhe remetemos. Coisas desses ratões de sacristia que infectam o correio. Desejariamos conhecer o heroi para sujeitalo ao milagre da Aparecida... Saude!

Itobi — A. F. S.: Como já dissemos, da compra dos livros aqui ficaram 1$ a seu dispor. Saudações.

Independencia — L. O. P.: O seu pedido foi logo satisfeito. Segue agora o recibo. Em substituição da *Sementeira* já deve estar recebendo a *Terra Livre*. Saudações.

Niteroi — J. M.: Recebi o jornal. Está bom o artigo. Pena é que não haja espaço para tudo quanto aparece de util. Sempre que nos derem acolhimento não devemos perder vasa para espalhar a nossa propaganda. Não me ri, não... Saude!

Fortaleza — M. X.: Já aqui respondemos á sua de 28 de 10. Seguiu o recibo da assinatura paga. As dificuldades na luta contra a legião do Vaticano são realmente grandes, e isso é ainda uma forte razão para que cerremos cada vez mais as nossas fileiras. Gratos pelas palavras de estimulo e pelos esforços feitos em favor da nossa folha. Saudações.

Campinas — Propagandista secreto: Ficamos satisfeito em travar conhecimento com o companheiro que agora se vem pôr ao nosso lado. Desgraçadamente a clericanalha vai aí ganhando terreno. Muita energia e constancia são necessarias para conseguirmos dar-lhe vantajoso combate. Remetemos-lhe os coupons. Tambem nós folgaremos em vê-lo. Saudações.

Porto Alegre — J. da C. Assunção: Remetemos-lhe o recibo da assinatura da Loja. Os grandes males exigem grandes remedios. O cancro clerical só poderá ser dissecado com o ferro em brasa da nossa critica. Pela absoluta liberdade de consciencia batemo-nos nós, o que determina a nossa guerra sem quartel ao clericalismo, o terrivel inimigo de todas as conquistas alevantadas. Falar de respeito mutuo e de tolerancia quando temos pela frente a personificação da intolerancia e do desrespeito á vida do proximo? Não. Pouco, bem pouco é ainda o que fazemos para esmagar essa raça infame. Saudações.

Paulista — Abranches: Recebido os vales de Jaboticabal e S. Carlos. As notas sairão no proximo. Não mandamos os jornais nem carta para S. Carlos porque estivemos todos fóra. Temos, porêm, todos guardados. Registámos os novos e os provaveis e fizemos todos os assentamentos indicados. Infelizmente falta á maioria dos companheiros do interior o espirito pratico e de iniciativa para o seu desenvolvimento. Contentam-se com a leitura dos jornais e... os nossos adversarios vão ganhando terreno. E' essa a razão da pasmaceira que notaste por aí no dia 1.º de maio. Saudações da rapaziada.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela *Lanterna* e que podem ser aproveitados para almanaques, revistas, jornais, avulsos, etc.

Preços, livres do porte e do registo do correio: de 3 colunas, 3$000; de 2, 2$000.

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias e da indicação dos ns. em que foram publicados.

FOLHETIM DA LANTERNA (45)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

TERCEIRA PARTE

Os misterios da Inquisição

V

OUTRO MILAGRE

— Em suma, observou D. Mafio, quando se viu a sós com frei Oremus, estaremos muito bem aqui.

— Eu não me importaria de ficar aqui oito dias, em vez de dois, se esse digno Satanás continuasse a tratar-nos assim.

— Quem é o Satanás?

— O homem que pôs como loucas as nossas mulas só de olhar para elas; o que nos tirou o papel da superiora; o que nos fez prisioneiros e nos encarcerou num subterraneo; o que nos despojou dos nossos habitos...

— Mas que os restituiu...

— Concordo...

— E apaziguou com o seu dinheiro o furor do aldeão...

— E' certo...

— E que nos traz provisões de aspecto bem apetitoso...

— Não nego...

— Ingrato! E esse cesto de garrafas empoeiradas?...

— E' justo!

— Cometeis, pois, frei Oremus, o feio pecado da ingratidão dando a esse fidalgo o nome horrivel de Satanás...

— Parece-me que vós tambem, D. Mafio...

— Parece-vos mal. Eu sempre tive a mais viva estima e simpatia por esse nobre desconhecido. Que mal vos fez ele, fazei o favor de dizer?

— Creio que... na hospedaria...

— Ousais sustentar que nos maltratou? Até mandou preparar para nós um verdadeiro almoço de bispo...

— Sim, mas...

— Por aquele malfadado documento, hei-de guardar-lhe rancor, quando a religião nos manda perdoar as ofensas? Respondei!

— Eu? Eu...

— Ah! nunca vos supus uma alma tão negra! E que vos importa afinal o tal papel?

— Dai licença...

— Não! Não dou licença! Aquele papel era para nós insignificante. Porque consentimos em o levar? Competia-nos tal encargo? Executando-o, prejudicavamos gravemente esse digno e honrado fidalgo, que teimais em odiar cegamente.

— Garauto-vos, D. Mafio...

— Não me garantais coisa alguma! Arrependei-vos antes! Não tinha ele o direito de vos ameaçar, de vos bater, de vos matar até, pois que trataveis de o prejudicar?

— Oh! tambem vós...

— Pois que faz ele? Devolve-vos o vosso habito perdido, salva-vos de encarniçados inimigos e oferece-vos neste castelo uma regia hospitalidade! Ah! sêde ingrato, frei Oremus, pois em vosso coração só cabem sentimentos maus; quanto a mim, proclamo-me decidido amigo daquele a quem chamais Satanás!

Frei Oremus pôde por fim exclamar.

— Mas esses são os meus sentimentos! Não fostes vós quem me incitou a consagrar-me ao arcipreste Gerfaut? E porque? Respondei!

— Equivoquei-me.

— O sr. Gerfaut pagou os nossos serviços com palavras duras. Foi ele quem nos obrigou a estar uma eternidade nesse convento, em que se bebe só sidra azeda...

— E só se comem legumes...

— Já vêdes. E sois vós o culpado de tudo.

— Bom: equivocamo-nos ambos.

— Seja... Reconciliemo-nos esvaziando uma destas veneraveis garrafas.

E assim fizeram, levando a comer e a beber uma boa hora. No fim, D. Mafio guardou os cestos num vasto e fundo armario que ele descobriu a um canto.

A's nove e meia, começavam a adormecer sobre dois amplos sofás, quando D. Mafio, levantando-se de repente, exclamou:

— Ouvis, frei Oremus?

— O que, irmão?

Foram á porta e aplicaram o ouvido. Distinguiram um rumor confuso e distante; depois gritos e o barulho duma luta; mais tarde ruidos surdos, seguidos de idas e vindas rapidas.

— São ladrões! disse D. Mafio.

— Fujamos!

— Por onde?

Os passos aproximavam-se, e então D. Mafio lembrou-se do armario.

Apenas se tinham encerrado ali, começou a porta do quarto a ser arrombada á coronhada. Depois entraram alguns individuos, examinaram o aposento á luz dum archote e foram-se.

Os dois frades, aterrados, passaram a noite no armario, sem sono e sem movimentos. Só de manhã, duas horas depois de ter cessado qualquer rumor, é que eles ousaram sair do seu esconderijo.

Apesar de estar aberta a porta, não se atreveram, porêm, a ir-se embora, tanto mais que, de vez em quando, ainda lhes parecia ouvirem ruidos suspeitos. A's três horas da tarde, contudo, tendo comido e bebido a ponto de se esgotarem as provisões, a coragem tinha-lhes aumentado, ao passo que diminuira o rumor na casa.

— Vamos embora! propôs D. Mafio.

— Sem nos despedirmos do nosso hospedeiro?

— Não. Vamos procura-lo.

— E se ele nos detêm ainda?

— Eu, por mim, não vejo nisso inconveniente grave.

E ao espirito dos dois frades acudiu a terrivel ideia da colera de Gerfaut.

Neste momento ouviram perto um latido. Acudindo á janela, viram sob um telheiro, no pateo, um belo cão dinamarquez, que procurava despedaçar a corrente. Era Griff, que tinha sido esquecido.

— Pobre cão! disse frei Oremus.

— Vamos solta-lo? propôs D. Mafio.

— Mas é aquele!

— Qual?

— O que queria comer a irmã rodeira!

Os dois frades foram ao pateo.

— Decerto tem fome! observou D. Mafio.

— Não. A comida está ali, quase intacta.

— Tiremos-lhe a corrente.

— Ah! não. Era capaz de nos comer.

— Não tem cara disso.

Com efeito, Griff parecia suplicar delicadamente, abanando a cauda, o obsequio, que muito agradeceria, de o soltarem. D. Mafio decidiu-se e o cão deixou-se desprender pacientemente, teve um latido grato e partiu como uma seta, perdendo-se em breve ao longe os seus latidos sonoros.

Os frades percorreram então o castelo, chamando em vão. No salão, ante a desordem dos moveis e a parede aberta, frei Oremus observou:

— Aqui houve batalha!

— Sim, batalha que deviamos ir denunciar ao sr. Gerfaut.

— Ai de nós, quando lhe aparecermos!

Após um longo silencio, D. Mafio suspirou:

— Temos que voltar para o mosteiro.

— Ai!

— Como?

— Quero dizer: felizmente.

— Não, frei Oremus: dissestes "ai!" e com muita razão.

— Vós tambem?

D. Mafio acenou com a cabeça que tambem pensava: *ai!*

— Estes poucos dias de liberdade pareceram-me deliciosos... E a vós?

— A mim tambem, apesar das nossas aventuras...

— E agora... claustro outra vez, para comer nabos desde manhã até á noite!

— E para beber agua!

— Em quando o nosso abade vai engolindo saborosas empadas de ave.

— E sorvendo um delicioso Borgonha.

— *Item*, prosseguiu D. Mafio, para nos levantarmos de noite afim de ir para a capela.

— Para recitar matinas e vesperas.

— Para trabalhar como burros.

— Frei Oremus!

— D. Mafio!

— E se não voltassemos por uns dias?

— E se nunca mais voltassemos?...

— Ia propor-vos isso...

Os dois frades levantaram-se e abraçaram-se.

— Livres! Somos livres!

— Não mais abade a impor-nos a regra e a penitencia!

— Não mais Gerfaut a aterrar-nos!

— Acabaram se as rezas!

— Adeus nabos!

— Adeus agua!...

Entusiasmados e alegres, tiraram ambos o habito e lançaram-no pela janela.

— Ah! exclamou D. Mafio, nunca respirei tanto á vontade!

— Até me parece que sou outro homem.

— Como pudemos nós sujeitar-nos por tanto tempo á disciplina do mosteiro?

— Ai! os meus formosos anos de mocidade perdidos!

Cantarolando, exaltados, os dois frades, que se sentiam outros homens, procuraram nos armarios e gavetas, achando roupas para vestir e algumas moedas de oiro.

— E agora compadre, que vamos fazer? perguntou frei Oremus.

— Vamos para Paris! respondeu resolutamente D. Mafio.

— E em que havemos de ganhar a vida?

— Ora adeus! Não sabemos ler e escrever? Não conhecemos nós até algumas palavras de latim? E' o bastante para arranjarmos lugares de amanuenses ou herboristas...

— Tendes resposta para tudo, compadre. E estais mais desembaraçado desde que não sois frade!

— Assim, está dito?

— Está dito. Vamos para Paris!

— Livres como os passaros!

— Parando onde nos aprouver!

— A caminho, então!

— A caminho! E oxalá que o nosso exemplo inspire a todos os frades do reino a ideia da evasão!

(Continúa).